

TEATRO

«BERTOLDO A CORTE»

A antiga vicissitude de Bertoldo (foi Giulio Cesare Croce — 1550-1609 — o criador do famoso personagem), recomposta por Massimo Dursi, após um primeiro momento de perplexidade entusiasmou o público que ocorreu ao Teatro Municipal para a noite inaugural da temporada do Teatro Stabile, da cidade de Turim.

Bertoldo, o camponês dotado de extraordinária sagacidade, que consegue fazer com que o rei o estime e, contemporaneamente, com que a rainha e os cortesãos o odeiem, sabido distribuidor de conselhos, narrador de anedotas, arguto evocador de proverbiais, surgiu à ribalta, e, com a sua carga de humanidade e a sua sinceridade brutal, em contraste com os hábitos da Corte, tornou-se uma criatura não convencional ou arbitrária, mas viva e palpante de emotividade, participante do seu destino. A sua sabedoria é amarga consciência das vicissitudes e das duras normas da sociedade, mas sobretudo esforço no sentido de fugir-lhes, de certa forma para dominar as imposições do mundo particular que o rodeia e no qual vive escarnecido e escarnecendo os fortes, vitoriosos, e afinal vítima do ambiente que não é seu, e ao qual não consegue.

A sua morte, devida a um acidente humorístico, converte-se numa escolha altamente moral, na qual se exprime a personalidade do homem livre, ou que anela à liberdade. E, não podendo segui-la, transmite-a ao filho, que por sua vez se tornara sábio, o qual recomeçará a cantar a melodia no ponto onde o padre moribundo a interrompera.

A obra dem sua ação na Corte de Verona, na época de Alboino, rei dos Longobardos, e é pontilhada de comentários canoros. Através do canto, Bertoldo diz a todos o que pensa. Aprisionado e conduzido perante o rei, consegue divertir-lo e fazer postergar a execução da sua condenação. Resiste à tentação dos que tentariam corrompê-lo, intriga com as damas da rainha, a qual quizerá humilhá-lo, mas não o consegue, nem mesmo recorrendo ao rei, que pede auxílio justamente a Bertoldo. Todavia, pa-

ra acalmar as iras da rainha, Bertoldo é encerrado num sacco e condenado definitivamente à morte. Libertando-se, por incrível que pareça, é novamente aprisionado, mas pede uma última graça: que lhe seja concedido escolher a árvore na qual seu corpo deverá balouçar. A procura é longa, e afinal a escolha recai sobre uma árvore bem pequena. Impõe-se esperar que cresça.

Reconduzido à Corte, encontra a esposa Marcolfa e o filho Bertoldino, ali conduzidos para que se divirtam vendo o respectivo marido e pai nas vestes de truão. É a vingança da rainha. Debalde Bertoldo pede à esposa e ao filho, os quais se deixaram corromper, que se retirem. Senta-se à mesa do rei e recusa-se a comer, vindo a falecer. Finalmento, todos os personagens da Corte transformam-se em múmias (símbolo da perpetua morte de suas almas), enquanto Bertoldino começa a baluciar a melodia que o pai sempre cantara: ele também será um homem livre. "Viver sempre livre é o mistério do homem".

Espetáculo estupendo. Num primeiro momento, o público sentiu-se como que apanhado de surpresa. Diante de tantas novidades, disseminadas em "dose-choque", segundo se diz em medicina, ficou desorientado e aplaudiu, no fim do primeiro tempo, com a suspeita circunspeção que denuncia, sem meios termos, o consenso de estima, de simpatia, se quizerem, mas não derivado, certamente, de uma convicção íntima. Em outras palavras, o diálogo entre o palco e a plateia permaneceu em estado potencial, substancialmente frio, ou apenas aquecido por uma curiosidade que se referia, porém, ao segundo tempo, que ainda deveria ser visto e ouvido; um consenso, portanto, gelidamente acenado, e ainda "sub judice". Mas foi justamente disto que jorrou, como reação natural, o entusiasmo com que foi saudado o fim da comédia com calorosíssimos aplausos, aplausos, que reuniram, nas numerosas chamadas ao palco as atrizes e os atores, o que vale dizer a companhia, totalmente empenhada neste trabalho.

(OO)

«Miles Gloriosus» e «Olimpia»

O espetáculo de sábado à noite no Municipal reuniu, numa única representação, "Miles Gloriosus", de Plauto, e "Olimpia", de Giovan Battista Dalla Porta, como que para estabelecer uma relação ideal entre os tipos plautinos e os da comédia da arte, o que vale dizer dois documentos raros dos fenômenos cênicos que marcam duas etapas preciosas ao longo do caminho do teatro popular italiano, em cujo sentimento se inspirou Gian Franco de Bosio para o critério norteador e a coerência ideológica e formal do repertório do Teatro Stabile, da Cidade de Turim, na sua "tourné" através da América do Sul.

Pode-se afirmar que ambas as comédias apresentam os mesmos personagens: o "Don Juan" parlapatão e conquistador (Miles e Trasilogo); o servo tagarela e alcoviteiro (Palestrione e Mastica); os namorados que encontram oposição (Filocomasia-Pleusicle e Olimpia-Lampridio) e até mesmo cenas semelhantes, como por exemplo nas tremendas bordoadas que chove sobre Miles, às quais correspondem as não menos sonoras recebidas por Trasilogo, embora este último não sofra a ameaça de corte de suas "testemunhas".

As duas formas de conceber o teatro — o de Plauto e o de Della Porta — adquirem uma afinidade ideal como expressão teatral do mundo das máscaras, conquanto as duas atmosferas sejam profundamente diferentes. Plauto, poeta de inspiradíssima fantasia, inexcedível na arte de fundir a ternura e a graça com a vivacidade dos chistes mais coloridos e chocarrieiros, arquiteta a burla a Pargopolinice (o Miles Gloriosus), valendo-se de uma linguagem que não faz cerimônias sobre o nome exato das coisas.

Filocomasia, raptada e mantida em carcere privado por Miles, ama e é amada por Pleusicle, ao vê-los abraçados. Imunidade de Palestrione, escravo de Miles — consegue encontrar-se, passando por um buraco feito num muro. Sceledro, também servo de Miles, descobre certa noite as artimanhas de Filocomasia e Pleusicle, ao vê-los abraçados. Impõe-se convence-lo de que aquilo que viu não é verdade, que não se tratava de Filocomasia, mas sim, de Giustina, sua irmã gêmea. Sceledro protesta, mas finalmente deixa-se convencer por Palestrione, que graças a este sucesso julga possível libertar definitivamente Filocomasia, permitindo que fuja com Pleusicle.

Dirá a seu patrão que a cortesã Acroteleusia, descrita como a esposa do velho Periplectomeno, está farta do marido e enamorada dele. Miles, a quem a idéia do adultério põe fogo nas veias, tanto assim que se presta à fuga de Filocomasia e de Pleusicle, que se apresenta a ele disfarçado de ma-

rujo, obtendo dinheiro, ouro e joias. Após a fuga dos dois, ele entra em casa de Periplectomeno para o festim amoroso com Acroteleusia, mas é circundado pelos servos do ancião, que o esbordoam e o ameaçam de cortar-lhe as "testemunhas", caso continui a julgar-se belo e a importunar as mulheres.

Da mesma forma, na comédia de Della Porta, que encerrou a noite, a jovem Olimpia consegue, afinal, o seu intento de se reunir ao namorado Lampridio, esquivando-se dos projetos da mãe, que pretendia vê-la casada com Trasilogo, um capitão fanfarrão. Vendo-se em perigo, Olimpia recorre ao servo Mastica (porque está sempre desejoso de mastigar algo), a fim de que advirta Lampridio, através de uma carta, sobre o que está acontecendo: deverá disfarçar-se e apresentar-se à mãe como sendo Eugenio, o filho raptado pelos piratas turcos, juntamente com o pai, Teodosio (marido de Sennia). Poderá, assim, impedir as projetadas nupcias com Trasilogo.

Lampridio, perenemente seguido por um preceptor pedante, recebe a carta de Olimpia e prepara-se para seguir as instruções recebidas, quando Trasilogo, que teve conhecimento da situação, o enfrenta, mas a reação do jovem enamorado leva o capitão a considerar ser preferível realizar uma "retirada estratégica". Lampridio, como se fora Eugenio, apresenta-se a Sennia, e pede-lhe permissão para abraçar a "irmã" Olimpia. Os dois jovens beijam-se ternamente, ante o olhar um tanto suspeito da mãe. Trasilogo não se dá por vencido, e vai à procura de duas pessoas, para que finjam ser os verdadeiros Eugenio e Teodosio. Encontra-as, e dá-lhes as instruções do ca-

RECITAL DE PAOLA
BORBONI

Recital de Paola Borboni será apresentado amanhã, no Teatro Municipal dentro da atual temporada do teatro italiano. O mesmo recital constituiu um dos mais significativos sucessos obtidos pela "Stabile di Torino" em Buenos Aires e Montevideu.

Quando a direção, superior a todo elogio, é nossa convicção de que, na elaboração original, o texto de Massimo Dursi não terá tido, nem poderia ter, o estilo e a linguagem cênica do "Bertoldo" que admiramos no Municipal. Afinal, um autor é tanto mais inteligente, quanto mais torna próprias as experiências e a sensibilidade de um diretor como Gian Franco de Bosio, a quem cabe o maior mérito do sucesso.

Juntamente com de Bosio, impõe-se citar indistintamente todos os intérpretes. "Bertoldo" é uma obra de conjunto — como se costuma dizer — que vale de todas as nuances, por menor que sejam, para atingir a perfeição estilística que recorre à contribuição de todos os meios expressivos espetaculares, "da mímica ao canto, da dança à pantomima". Assim, por exemplo, as máscaras que cobrem os rostos dos cortesãos, para documentar visivelmente a sua falsidade, e o penacho do capitão que fica dependurado na corda, são pequenas joias encastoadas numa joia maior.

Gina Sammarco deu, a personagem de Marcolfa, uma humanidade calida; dosados de comicidade expressiva, Paola Borboni e Giulio Oppi, nos papéis da rainha vingativa e do rei bonachão; Gianni Mantest criou um Bertoldo rico de interesse, muito eficaz, comunicativo, divertido e comovente; brioso e muito vivaz, o desempenho de Edda Albertini e de Anna Maria Cini, nos papéis das damas Isabella e Lisetta; ótimo Giovanpietro, no papel do Dr. Graziano, e de Esposito, no de Bertoldino, assim como os demais: Erbetta, Tamantini, Parmeggiani, Parenti, Passatore, Cortese, Bartolucci e Buttarelli, todos merecedores de elogios. Movimentadíssimas e repletas de significados simbólicos as cenas, especialmente no final, quando os cortesãos se transformam em múmias, ao que se sucede o desorientamento de Marcolfa.

Público das grandes ocasiões, sobretudo o feminino, elegantíssimo. Estiveram presentes personalidades do mundo diplomático, cultural, político, do jornalismo e do trabalho. Os ausentes perderam muito.

"Caldeirão" e a Censura

Foi suspensa pela censura da Diversão de Divertimentos Públicos, da Secretaria da Segurança, a revista "Caldeirão Político", que se representava no Natal. O caso chegou até a Polícia Central, onde compareceram os responsáveis pelo "Caldeirão Político" e também os censores. E na discussão soube-se de um detalhe curioso. Empeñavam-se os censores e o representante da empresa em defender cada um o seu ponto é claro.

— A Censura, disse um, aprovou a peça que estamos representando.

— De fato. Não, porém, certos quadros introduzidos depois da aprovação, respondeu a Censura.

— Mas esses quadros eram ali exibidos há mais de dois meses...

—S—

Então, perguntamos, que foi que "estreou" há poucos dias? Se a segunda peça contém quadros da anterior, o público da "temporada" está sendo logrado.

E a Censura, como foi que lhe aconteceu ver na segunda revista o que não vira na primeira, se ambas são quase a mesma coisa?

so, sem saber que está falando justamente com os verdadeiros Eugenio e Teodosio, que tendo conseguido fugir aos piratas, procuravam localizar Olimpia e Sennia. Afinal, tudo se esclarece: reconciliação geral, exceto no que se refere ao capitão Trasilogo, que, enamorando-se de outra mulher, é desprezado por todos, e foge.

Gastone Bartolucci, no papel de Miles, pôde mostrar as possibilidades do seu temperamento, e foi, de vez em vez, gascão de comica jactância. "Don Juan" humorístico, convencido e convincente, e, finalmente — ceando o picr — resignado ante as bordoadas; Palestrione, o escravo sagaz, inteligente criador da burla a Miles, teve em Franco Passatore um intérprete esplêndido, pleno de brio, infatigável animador da cena, otimamente coadjuvado por Gianni Mantest, que apresentou um Sceledro tonto, retardado, preguiçoso, essencialmente perfeito; Franca Tamantini (Filocomasia) e Franco Parenti (Pleusicle) deram aos seus personagens a tonalidade exata; Gina Sammarco e Giulio Oppi, nos papéis da serva Malfidippa e do velho Periplectomeno, estiveram — como sempre — à altura de sua fama; extremamente vivaz Edda Albertini, no papel de Acroteleusia, e muito bem, nos seus papéis de pouco destaque, Buttarelli, Parmeggiani e Esposito.

Muito empenhado na comédia de Della Porta, o mencionado Buttarelli coloriu o personagem de Mastica, carregando-o talvez um pouco; o mesmo ocorreu, a nosso ver, com Carla Parmeggiani, que se mostrou excessivamente meliflua no papel de Olimpia; Franco Parenti desempenhou um Trasilogo humorístico de notável destaque, e Renzo Giovanpietro (Lampridio) um enamorado muito ardoroso; no seu lugar exato os demais atores e as atrizes que mencionamos, com Anna Maria Cini, uma ama agradável, de recitação segura e desenvolvida.

O público, não muito numeroso, para sermos francos, acolheu favoravelmente, quer "Miles Gloriosus", quer "Olimpia", chamando numerosas vezes os artistas ao palco. O espetáculo voltará a ser exibido.

LIBERO MALAVOGLIA